

Repercussões da Pandemia do COVID-19 na qualidade de vida de pessoas com Hanseníase: Revisão Integrativa de Literatura

Repercussions of the COVID-19 pandemic on the quality of life of people with leprosy: Integrative Literature Review

Isabella Giovanna Moraes Silva¹, Clynewton Costa dos Santos², Nayra Lima Ferreira³, Rômulo Dayan Camelo Salgado⁴.

RESUMO

Verificar os impactos da pandemia do COVID-19 na qualidade de vida (QV) dos pacientes com Hanseníase. Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura, composta por 13 artigos publicados até dezembro de 2021 após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Verificou-se que a pandemia impactou a atenção à saúde desses pacientes, embora implementadas estratégias para minimizar a exposição aos microrganismos, notou-se falhas no rastreamento, diagnóstico e prevenção dos casos, devido as subnotificações, distanciamento da atenção primária em saúde (APS), exacerbações das reações e coinfeção. Nesse viés, os pacientes tornaram-se mais vulneráveis a infecção em consequência do isolamento social, ausência de busca ativa, o estigma enraizado, e a mudança no foco de atendimento da APS. O uso de esteroides foi controverso quanto a redução da sintomatologia e a resposta imune do hospedeiro. A gravidade relacionou-se a coinfeção, repercutindo negativamente de forma sistêmica e majorando ainda mais a QV dos acometidos. A coexistência das doenças resultou em manifestações variáveis frente ao manejo adotado e a desassistência à saúde durante a pandemia tornou as pessoas com Hanseníase mais vulneráveis frente ao COVID-19.

Palavras-chave: Hanseníase. Doenças endêmicas. Qualidade de Vida. COVID-19.

ABSTRACT

To verify the impacts of the COVID-19 pandemic on the quality of life (QL) of patients with leprosy. This was an integrative literature review, consisting of 13 articles published until December 2021 after applying the inclusion and exclusion criteria. It was found that the pandemic impacted the health care of these patients, although strategies were implemented to minimize exposure to microorganisms, failures in tracking, diagnosis and prevention of cases were noted, due to underreporting, distancing from primary health care (PHC), exacerbations of reactions and co-infection. In this bias, patients became more vulnerable to infection as a result of social isolation, lack of active search, rooted stigma, and the change in the focus of PHC care. The use of steroids was controversial regarding the reduction of symptoms and host immune response. The severity was related to the co-infection, with negative repercussions in a systemic way and further increasing the QL of those affected. The coexistence of the diseases resulted in variable manifestations in view of the management adopted and the lack of health care during the pandemic made people with leprosy more vulnerable to COVID-19.

Keywords: Leprosy. Endemic diseases. Quality of life. COVID-19.

¹ Discente do Curso de Medicina da Universidade CEUMA, *campus Imperatriz*. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2495-7498> E-mail: bellagiovannamoraes@hotmail.com

² Discente do Curso de Medicina da Universidade CEUMA, *campus Imperatriz*. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3421-5715> E-mail: clynewton.13@icloud.com

³ Discente do Curso de Medicina da Universidade CEUMA, *campus Imperatriz*. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0603-4792> E-mail: naylimaferreiro@icloud.com

⁴ Biólogo, Fisioterapeuta, Profissional de Educação Física, Mestre em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Universidade Federal do Tocantins, *campus Palmas*; Docente do Laboratório Morfofuncional do Curso de Medicina – Universidade CEUMA, *campus Imperatriz* e do Curso de Educação Física da Faculdade Coelho Neto. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5048-1338> E-mail: romulosalgadopi@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Hanseníase é uma doença infectocontagiosa de evolução lenta causada pelo agente etiológico *Mycobacterium Leprae*, um bacilo que tem tropismo pela pele e nervos periféricos (MARZLIAK, 2019; SANTOS, 2021), a qual se manifesta por sinais e sintomas dermatoneurológicos: sendo áreas hipocrômicas, pele infiltrada, queda de pelos localizada ou difusa, dor, choque, ressecamento (BRASIL, 2017) alterações de sensibilidade cutânea e comprometimento de nervos periféricos, sobretudo em olhos, mãos e pés resultando em agravo as suas funções sensoriais, motoras e autônomas (VAN'T NOORDENDE et al., 2020).

A transmissão é dada por meio do contato direto e prolongado de uma pessoa infectada com o bacilo de Hansen não tratada, que o elimina para o meio exterior, e o transmite pelas vias respiratórias a outra pessoa suscetível, favorecendo a transmissão e perpetuação da doença (BRASIL, 2017). O período de incubação depende de amplos fatores, da relação parasita-hospedeiro, mas, que em média pode ocorrer em um período de 2 a 7 anos (BRASIL, 2017). O tratamento é realizado mediante a associação de medicamentos - Poliquimioterapia (PQT) no intervalo de até doze meses baseado nos achados da avaliação clínica (dermatoneurológica), e/ou exame histopatológico (biópsia e baciloscopia) e/ou testes sorológicos (sorologia anti antígeno glicolípideofenólico 1 - PGL-1) (MARQUES et al., 2021).

Na ausência de diagnóstico prévio ou tratamento adequado, a doença pode provocar incapacidade física, designando prejuízo a nível de sensibilidade protetora, força muscular e/ou evoluir para deformidades visíveis na face e nos membros superiores e inferiores (BRASIL, 2020a) bem como elevado estigma social e dificuldades econômicas (NERY et al., 2019). Tal fato, é notável pela Organização Mundial da Saúde (OMS), uma vez que a mesma tem o intuito de promover estratégias de enfrentamento, a partir da detecção precoce de casos e tratamento imediato, a fim de evitar tais incapacidades e diminuir assim a transmissão da mesma (BRASIL, 2020a).

Historicamente, a Hanseníase que anteriormente era conhecida como lepra, é uma patologia muito antiga, datada a mais de 600 a.C., que por sua vez, ainda não foi erradicada e configura-se como um problema recorrente e de saúde pública (BRASIL, 2020a). Embora, muitos países tenham conseguido erradicá-la por meio da implantação de ações,

campanhas, diretrizes para controle, diagnóstico precoce e tratamento (WHO, 1991) o Brasil, mesmo com o Plano Nacional de Eliminação da Hanseníase, está entre os países que fracassaram nesse quesito (RIBEIRO et al., 2018). Além disso, o cenário da pandemia da COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*) trouxe ainda mais impasse para alcançar tal objetivo.

A pandemia foi causada por um vírus chamado SARS-Cov-2 ou Coronavírus, o qual é responsável pela enfermidade conhecida como COVID-19, capaz provocar doenças respiratórias (WHO, 2020). Tal patologia, se manifesta de diferentes modos, através de vários sinais e sintomas leves como febre, tosse seca, cansaço, diarreia, náuseas, vômitos, cefaleia; e graves, como pneumonia e insuficiência respiratória aguda, podendo resultar em óbito (FARIAS et al., 2020). Além disso, possui uma alta transmissibilidade e elevada letalidade para grupos prioritários, a qual coloca uma parcela considerável da população em situação de vulnerabilidade (ZHUN et al., 2020).

Nesta perspectiva, a pandemia impactou drasticamente a sociedade, evidenciando a fragilidade no âmbito do Sistema Público de Saúde, ao repercutir no acesso ao atendimento assistencial ininterrupto e igualitário às populações com outras condições de saúde não relacionadas a COVID-19 (PEDROSA; ALBUQUERQUE, 2020; BUENO, 2020). As medidas adotadas para evitar a manutenção da pandemia, visto que, a transmissão dava-se de modo exponencial, como: quarentena, distanciamento social, restrição de contato entre as pessoas em ambientes públicos, *lockdown*, dentre outras, (BRASIL, 2020b) amplificou o difícil acesso ao sistema de saúde pelas pessoas com Hanseníase, que já subsistiam com longos itinerários terapêuticos e inúmeras barreiras para a precoce confirmação diagnóstica, tornando-a assim negligenciada no âmbito social (MARTINS; IRIART, 2014).

Por outro lado, sabe-se que existe relação entre o adoecimento e a pobreza, onde a ausência de condições de ter uma vida digna pode potencializar o risco de adoecimento pela Hanseníase, seja pela busca da sobrevivência, aglomeração domiciliar ou restrição alimentícia e de higienização (UNITED NATION HUMAN RIGHTS, 2020). Neste sentido, é fundamental diligenciar medidas de vigilância e educação em saúde dessas pessoas, a fim de prevenir e diminuir a disseminação destes dois agravos, uma vez que em comum relação são de transmissão respiratória, associadas a baixa condição socioeconômica e

aglomeração. Nesse sentido, partimos do pressuposto que a Hanseníase sobretudo no contexto da pandemia interferiu na vida das pessoas acometidas. Logo, cabe-nos verificar quais os impactos da pandemia do COVID-19 na qualidade de vida dos pacientes com Hanseníase.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura preparada e desenvolvida conforme as etapas: 1. Elaboração da pergunta norteadora – determina a identificação da temática e do problema, bem como dos descritores do estudo; 2) busca ou amostragem na literatura – determinação dos critérios de inclusão e exclusão; 3) coleta de dados – definição dos sujeitos, metodologia e conceitos de acordo com os descritores; 4) análise crítica dos estudos – determinação das informações extraídas dos estudos selecionados; 5) discussão dos resultados – interpretação e síntese; e 6) apresentação da revisão integrativa – deve ser clara e completa, sendo uma síntese dos dados encontrados. Sendo utilizado a estratégia PICO para a construção da pergunta da pesquisa, baseado em População (Pessoas com Hanseníase), Interesse (Qualidade de vida) e Contexto (pandemia do COVID-19) - PICO (SANTOS, PIMENTA, NOBRE, 2007).

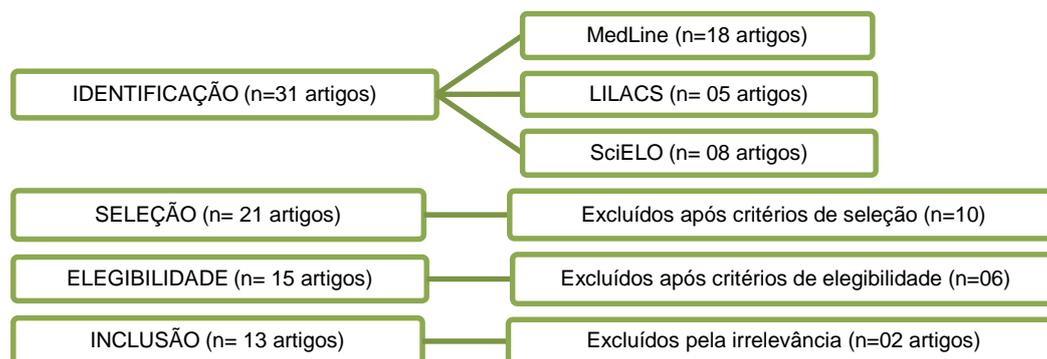
A fim de atingir o objetivo estabelecido, a pesquisa foi norteada pelo seguinte questionamento: qual o impacto da pandemia do COVID-19 na QVRS das pessoas acometidas pela Hanseníase? Para levantamento dos dados, buscou-se em dezembro de 2021 nas bases de dados SciELO; Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e a Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MedLine) os termos indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH), combinados com o operador booleano “AND” nas estratégias de busca: “Hanseníase” AND “COVID-19” e “Leprosy” AND “COVID-19”.

Consideraram-se elegíveis os artigos a partir dos seguintes critérios de inclusão: estudos qualitativos; artigo original em português ou inglês, tendo como amostra intrínseca pacientes com Hanseníase; artigo completo, disponível em acesso livre; contendo a abordagem sobre “qualidade de vida”; qualidade de vida relacionada a saúde “Hanseníase”; “Leprosy”; “COVID-19”; publicações do biênio (2020-2021). Em contrapartida, os critérios de exclusão foram: estudos implícitos ao instrumento de coleta de dados para avaliação da qualidade de vida dos sujeitos; ausência dos termos

equivalentes no título das pesquisas; artigos com apenas resumo disponível *online*; teses; dissertações e monografias; artigos duplicados, bem como relacionados a revisão sistemática, revisão narrativa e/ou relato de experiência. Por fim, a presente revisão avaliou a literatura publicada até 14 de dezembro de 2021.

A presente revisão identificou 31 artigos nas bases de dados e após aplicação dos critérios de seleção (Figura 1), 21 artigos foram selecionados, e tiveram seus títulos e resumos lidos. Desses, 06 artigos foram excluídos pelos seguintes motivos: artigo duplicados nas bases; pesquisa com amostra não uniforme para pessoas com Hanseníase; ausência dos termos “Hanseníase” e “COVID-19” ou termos equivalentes no título ou objetivo geral da pesquisa; publicações de períodos anteriores à pandemia do COVID-19. Ao término de aplicação destes critérios, 15 artigos foram lidos na íntegra.

Figura 1: Estudos primários incluídos na revisão integrativa de acordo com as bases de dados. Imperatriz (MA) Brasil, 2021.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2021.

3. RESULTADOS

A aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, em relação ao conteúdo dos 31 artigos selecionados pelas chaves de busca utilizadas, resultou em 13 artigos que compõem esta revisão integrativa. A descrição bibliométrica dos artigos incluídos é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa de acordo com o título, autores, ano, país, periódico, objetivo, desenho de estudo, delineamento, amostra e os principais resultados. Imperatriz (MA) Brasil, 2021.

Título	Autores/ Ano	Objetivo	Desenho	Resultados
Os casos da reação Hansênica aumentarão com a infecção por COVID-19?	Antunes; Gourlat; Gourlat. 2021	Discutir acerca do aumento dos casos de reação Hansênica com o advento da infecção por COVID-19	Qualitativo/ Revisão narrativa	À medida que aumenta o nº de novos casos de infecção por COVID, a incidência de reações Hansênicas também pode aumentar consideravelmente. Além disso, vale lembrar que pacientes reativos são tratados com medicamentos que afetam a estabilidade do sistema imunológico, o que, por sua vez, pode contribuir para a manifestação da SARS, principalmente em idosos com comorbidades.
COVID-19 e a incidência de doenças tropicais negligenciadas: reflexos dos tempos de pandemia.	Santos, Gessi Carvalho de Araújo, et al. 2021	Apresentar dados epidemiológicos do vírus da dengue, leishmaniose tegumentar e Hanseníase no estado do Tocantins.	Quantitativo/ Transversal	Menos casos prováveis de dengue, envolvendo sintomas semelhantes aos de COVID (febre, dor de cabeça, dor muscular, cansaço e erupção cutânea), foram relatados em 2020 do que em anos anteriores. Em contraste, as taxas de incidência de LC ou Hanseníase nos primeiros três meses de 2020 foram iguais ou superiores aos relatados nos meses respondentes de anos anteriores. Também observamos que o nº de casos de CL e DENV aumentaram significativamente durante 2018–2019, enquanto o número de casos de Hanseníase aumentou constantemente durante 2015–2019.
Impacto da doença coronavírus 2019 no diagnóstico da Hanseníase no Brasil.	Marques, Nelson et al. 2021	Avaliar o número de casos da doença de Hanseníase diagnosticada entre janeiro de 2010 e dezembro de 2020	Quantitativo/ Transversal	Dos 37.701 casos observados, a diminuição dos casos de HD no Brasil atingiu 18.223 (-48,4%), correspondendo a uma redução média de 1.518 casos por mês durante a pandemia de COVID.
Reação Hansênica tipo 2 grave com COVID-19 com resultado favorável, apesar do uso contínuo de corticosteroides e metotrexato e uma hipótese sobre as possíveis consequências imunológicas.	Saxena Snighda, et al. 2021	Relatar um caso de reação Hansênica tipo 2 grave, com infecção por COVID-19.	Qualitativo/ Relato de caso	Relatamos um caso reação Hansênica tipo 2, ou eritema nodoso Hansênico (ENL) grave tratado com esteroides orais e metotrexato, com infecção por COVID-19 adquirida durante a internação hospitalar, com evolução favorável obtida apesar do uso contínuo de imunossupressores. O paciente desenvolveu febre baixa (99–99,6 ° F) que persistiu por 3–4 dias; não houve sintomas respiratórios e a saturação de oxigênio permaneceu acima de 97% em ar ambiente em todos os momentos. Com teste negativo para COVID, 2 semanas depois, ele recebeu alta e pediu para fazer acompanhamento no ambulatório de Hanseníase. O paciente permanece controlado com esteroides e metotrexato semanal e sem sintomas residuais relacionados ao COVID, até 4 meses após a alta.

O desafio de infecções concomitantes no coronavírus doença pandêmica de 2019.	Kurizsky, Patricia Shu et al. 2020	Descrever um caso de Hanseníase concomitante com doença de Chagas e COVID-19.	Qualitativo/ Relato de Caso	Com a coinfeção com a COVID, a condição da paciente progrediu e ela desenvolveu diarreia e sangramento retal, além de lesões na genitália e na mucosa oral. No entanto, o paciente não apresentou piora dos sintomas da Hanseníase e não desenvolveu estados reacionais. Febre ou sintomas respiratórios não foram observados.
Doença de Hanseníase na era de COVID-19: uma observação em uma série de seis pacientes com coinfeção.	Arora, Sandeep et al. 2021	Descrever seis casos de Hanseníase que desenvolveram coinfeção com COVID-19.	Qualitativo/ Relato de Caso	Os pacientes (n=06) não apresentaram alteração no curso da Hanseníase durante a infecção ativa por COVID, no entanto, um desenvolveu uma reação tipo 1 no período de acompanhamento, enquanto outro teve uma exacerbação de sua reação tipo 2 preexistente. Dos 4 casos já com prednisolona, 3 tiveram COVID sem intercorrências, enquanto um caso virchowiano teve uma doença prolongada.
Característica clínicas e desfecho em pacientes com covid-19 e Hanseníase.	Santos, V et al. 2020	Realizar o estudo dos casos de COVID-19 em indivíduos com Hanseníase internados em Aracaju-SE.	Quantitativo/ Observacional	Um total de 378 casos de Hanseníase estavam em tratamento até junho 2020. Destes, quatro (1%) foram diagnosticados com COVID e hospitalizado. A idade variou de 39 a 87 anos. Dois eram homens e duas mulheres. Todos os indivíduos eram MB, com três apresentando a lepraforma clínica e uma a forma lepromatosa limítrofe. Nenhum dos indivíduos tiveram uma reação hansênica, e um deles teve deficiência de grau 2. Todos pacientes co-infectados morreram. A resposta imune desregulada em indivíduos graves com COVID parece estar associada a uma tempestade de citocinas.
Desigualdades em relação às pessoas afetadas pela Hanseníase: um desafio durante a pandemia de COVID-19	Mahato, Sharika; Bhattarai, Srijana; Singh, Rakesh. 2020	Realizar um estudo acerca do impacto social da Covid-19 em pacientes acometidos com Hanseníase.	Qualitativo/ Revisão narrativa	Para as pessoas afetadas pela Hanseníase, o COVID tem um impacto enorme porque todas as consultas e internações hospitalares não urgentes estão sendo desencorajadas nas unidades de saúde devido à preocupação de responder ao aumento dos casos de COVID. Isso mudou a prioridade do hospital para as respostas COVID, colocando outras condições de saúde pelo menos prioridade no momento. Essa situação criou uma lacuna nas necessidades de serviços de saúde para pacientes com Hanseníase.
A influência das variáveis clínicas e epidemiológicas relacionadas à Hanseníase na ocorrência e gravidade da COVID-19	Cerqueira, Selma et al. 2021	Avaliar a influência de variáveis clínicas e epidemiológicas relacionadas à Hanseníase para a ocorrência e gravidade do COVID-19	Quantitativo/ Coorte	Dos 406 pacientes, a frequência de casos confirmados de COVID foi maior em pacientes com Hanseníase, em um total de 113 pacientes, 46,19% teve COVID. Pacientes com Hanseníase são vulneráveis ao COVID porque têm contato mais frequente com pacientes infectados com SARS-CoV-2, possivelmente devido a limitações sociais e econômicas. Nosso modelo mostrou que o uso de corticosteroides, talidomida, pentoxifilina, clofazimina ou dapsona ou vacinação com BCG

				não afetou a ocorrência ou gravidade de COVID.
Impacto da pandemia COVID-19 no diagnóstico de novos casos de Hanseníase no Nordeste do Brasil, 2020.	Matos, Thais et al. 2021	Analisar o impacto da pandemia COVID-19 na detecção de novos casos de Hanseníase no estado da Bahia, Brasil.	Quantitativo/ Pesquisa-ação	A amostra observada foi de 23.602 pacientes. A queda observada no número de novos casos de Hanseníase registrados no estado pode indicar um grande retrocesso no combate à Hanseníase causado pela pandemia da COVID, tanto pela diminuição do número de diagnósticos realizados quanto pelas perdas operacionais que a pandemia causou nos programas de vigilância da Hanseníase.
COVID-19, Hanseníase e neutrófilos.	Schmitz, V Brandão, J. S. 2021	Descrever semelhanças entre a COVID-19 e a Hanseníase no contexto da biologia neutrofílica.	Qualitativo/ Relato de caso.	De 30% a 40% de todos os pacientes com Hanseníase multibacilar apresentam eritema nodoso hansênico, uma condição neutrofílica imunomediada. Pacientes com ENH frequentemente apresentam esses mesmos sintomas semelhantes aos do COVID.
Manejo de pacientes com Hanseníase na era do COVID-19	Ayman Abdelmaksoud, Sunil Gupta 2020	Fornecer um guia para os leprologistas no manejo de seus pacientes na era da pandemia.	Quantitativo/ Grupo focal	Foram observados 20 pacientes onde o comprometimento do trato respiratório superior tem sido relatado na maioria dos pacientes com Hanseníase, pois o <i>M. leprae</i> se espalha através da infecção por gotículas.
A Hanseníase na era de COVID-19: uma observação em uma série de seis pacientes com coinfeção	Sandeep Arora. et al., 2021	Apresentar o curso clínico e evolução, durante o período de coinfeção com a COVID-19.	Quantitativo/ Relato de caso.	Dos 06 pacientes observados, aqueles que usaram esteroides aparentemente tiveram um curso menos tempestuoso e uma recuperação sem intercorrências. A infecção por COVID19 não causou efeito clínico na Hanseníase durante a fase ativa.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2021.

4. DISCUSSÃO

Os principais impactos da pandemia relacionados a Hanseníase estavam relacionados ao aumento do número de casos e exacerbação das reações hansênicas sobretudo do tipo II, subnotificação de casos, coinfeção, distanciamento da atenção primária bem como o uso de imunossupressores.

No que diz respeito aos pacientes com Hanseníase no contexto da COVID-19, sabe-se que os mesmos são mais vulneráveis à infecção pelo SARS-Cov-2, uma vez que estão em situação de maior vulnerabilidade em diversas dimensões; sejam pelas práticas de isolamento social recomendadas ou até mesmo a redução dos atendimentos nas unidades

de saúde da atenção primária de modo a perpetuar o atraso do tratamento e assim, impactar a longo prazo a vida dos sujeitos acometidos pela Hanseníase (FACCHINI NETO, 2020). Somado a isso, o período corroborou com o distanciamento da Estratégia de Saúde da Família (ESF), uma vez que as medidas de proteção adotadas repercutiram na diminuição dos atendimentos a esses pacientes e outros com doenças crônicas, o que resultou na subnotificação da Hanseníase (SILVA et al., 2021a). Fato este comprovado por Mahato et al., (2020), que evidenciou a desassistência de pacientes hansênicos em sua integralidade pelas Unidades Básicas de Saúde, resultando em ausência de busca ativa, seguida de subnotificação dos casos e assim manutenção da cadeia de transmissibilidade.

No que se refere ao atendimento ofertado aos pacientes com Hanseníase, observou-se no estudo de Mahato, et al., (2020) que houve mudança no foco do atendimento, uma vez, que definiram outras condições de saúde como prioridade em detrimento dos pacientes adoecidos de Hanseníase. De fato, no período da pandemia houve uma redistribuição dos profissionais da saúde da atenção primária (médicos, enfermeiros e fisioterapeutas) para os serviços de atenção secundária, sobretudo para os ambulatórios de atendimento aos casos de COVID e Unidades de Terapia Intensiva – UTIs (MENDONÇA, et al., 2022), fato este que repercutiu negativamente no diagnóstico precoce e no acompanhamento dos pacientes em tratamento da Hanseníase.

Em relação ao tratamento farmacológico, aqueles com o uso de esteroides apresentaram um quadro clínico com menor gravidade, resultando em uma evolução favorável. Estes fármacos estão entre os mais prescritos no mundo e são seletivos para a ciclo-oxigenase 2 (COX-2), sendo indicados principalmente no tratamento da inflamação, dor, edema e também em distúrbios musculoesqueléticos (BATLOUNI, 2010). Nessa perspectiva, o uso da prednisona se faz assertivo, sendo um esteroide muito utilizado na rotina do SUS e preconizado pelo Ministério da Saúde. Segundo Naafs, Pearson, Baar, (1976) em um estudo de pacientes tratados com prednisolona, a terapia utilizada com esteroides demonstrou efetividade e resposta ao tratamento em dois momentos: inicialmente houve a resolução do edema, e logo depois remielinização em meses. Corroborado também em outro estudo realizado em pacientes com quadros de neurites onde geralmente são tratados com esteroides, onde estes causam no organismo um efeito imunossupressor, deixando-o propenso a apresentar sintomas mais brandos da infecção pelo vírus da

COVID-19 (SILVA, et al., 2021b). Logo, é notório os benefícios advindos do uso de esteroides em pacientes com Hanseníase, em observância aos possíveis efeitos adversos das terapias prolongadas.

Majumder et al., (2012) descreveu o efeito da talidomida, medicamento utilizado no tratamento do eritema nodoso e na reação tipo 2, onde esse fármaco causa efeito imunomodulador, inibindo a expressão de TNF- α e IFN- γ , e afetando a atividade pró-inflamatória do organismo. Entretanto, essa medicação deve ser utilizada com cautela, visto que a mesma possui efeito teratogênico (BRASIL, 2014). Em contrapartida aqueles que fazem uso de corticoides na fase ativa da doença, verificou-se a associação das condições sistêmicas dos sujeitos à gravidade das apresentações clínicas e o benefício do uso de esteroides na reabilitação dos mesmos, que demonstrou a possibilidade de haver diferença no percurso clínico das doenças (AERESTRUP, 2020). Fato comprovado pelo Setor Saúde (2020), que confirmou o benefício do uso de corticoides como tratamento para a COVID-19 por meio da diminuição da mortalidade em pacientes graves e diminuição do tempo dos usos de ventilação mecânica, logo, melhorando a sobrevida dos pacientes.

Em outro estudo realizado, percebeu que o aumento de casos de Hanseníase tem relação com a classe medicamentosa que os mesmos utilizam, uma vez que afetam a estabilidade do sistema imune de modo a provocar uma tempestade de citocinas (SANTOS et al., 2020). De fato, os imunossupressores atuam em moléculas alvo, onde os locais de ação destas terapias influenciam na homeostase imunológica e controle do ciclo celular (BARROSO, et al., 2021). Nesse sentido, acredita-se que pacientes em uso de terapia imunossupressora, tendem a ter a função imunológica alterada, o que por consequência, apresentam imunidade reduzida o que explica maior suscetibilidade a contrair quaisquer infecções (SANTOS, et al., 2022; SBH, 2020). Corroborando assim na relação entre aumento de novos casos de infecção pela COVID-19 com o aumento da incidência da Hanseníase (ANTUNES, GOULART, GOULART, 2021).

A ocorrência reacional são eventos imunológicos que podem ser desencadeados, exacerbados ou mantidos por fatores, tais como: alterações hormonais, infecções, estresse físico e emocional podendo ocorrer antes, durante ou pós tratamento poliquimioterápico, em todas as formas clínicas da doença (BRASIL, 2016). De certa forma, constata-se que a gravidade dos episódios reacionais tem relação com o advento da infecção dos SARS-Cov-

2 (ANTUNES, GOULART, GOULART, 2021), o que por consequência fragiliza sobretudo o domínio físico do paciente e assim, interferindo diretamente na qualidade de vida deste. Assim, partimos do pressuposto que no contexto da pandemia a contaminação, o estigma, o medo e o isolamento social foram fatores preponderantes para o desencadeamento de efeitos colaterais nestes grupos vulneráveis, resultando assim em percepções menos satisfatórias da qualidade de vida, diminuição das ações de vigilância e manejo da doença (SBH, 2020; CERQUEIRA, et al., 2021).

Além disso, dois dos treze estudos revisados, afirmam que há coinfeção da Hanseníase com a COVID-19 onde, em um deles, o paciente progrediu e desenvolveu diarreia e sangramento retal, além de lesões na genitália e na mucosa oral (KURIZTY et al, 2020). Como também discutido por (ALBUQUERQUE FILHO, 2020), a invasão às células humanas principalmente do trato respiratório e gastrointestinal pode causar inflamação e resultar em uma diarreia, prejudicando assim a função do sistema nervoso entérico. Assim, os sintomas observados, no caso da diarreia, podem contribuir para instalação da desidratação, ocasionando dor de cabeça, sonolência, cansaço, boca e pele secas, e com isso causar desconforto na qualidade de vida do paciente. Ademais, as lesões genitais uma vez instaladas podem acarretar dor, ardor e prurido na região afetada, contribuindo negativamente para a qualidade de vida do paciente e podendo levá-lo a sofrimento emocional (EBONE et al., 2020; EDWARDS; LYNCH, 2020). Desse modo, a evolução da sintomatologia observada, repercutiu para quadros de óbitos em alguns pacientes, configurando assim, a necessidade de acompanhamento sistemático dos casos ativos de Hanseníase e de coinfeção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coexistência da Hanseníase e o SARS-CoV-2 resultam em manifestações clínicas e imunológicas distintas a depender de diversos fatores, como a idade, sobretudo nos indivíduos mais graves com COVID, ampliando os sintomas para outros sistemas orgânicos devido as citocinas inflamatórias produzidas, podendo exacerbar reações hansênicas ou influenciar seu aparecimento tardio, além de óbito. Nos pacientes em uso contínuo de esteroides, o quadro clínico teve menor gravidade, resultando em uma evolução favorável do curso da doença. Porém, a desassistência à saúde das pessoas com Hanseníase no período de pandemia tornou-as mais vulneráveis ao adoecimento por COVID e levou

consequentemente a uma qualidade de vida menos satisfatória somada às fragilidades no contexto social, econômico, físico e psicológico.

Diante do exposto, é notória a necessidade de se ter uma abordagem de priorização no cuidado integral as pessoas acometidas pela Hanseníase pós pandemia, com o intuito de promover ações tanto de prevenção quanto de reabilitação eficazes, visando o controle da mesma, realizando e ampliando a busca ativa de recidivas, casos novos entre os contatos intradomiciliares e comunicantes, bem como o acompanhamento da adesão e realização do esquema terapêutico corretamente.

Dentre algumas limitações do presente estudo, consideramos que a maioria dos artigos selecionados tiveram amostragem reduzida ou não descrita em relação a cobertura de dados, limitando assim possíveis inferências sobre a temática. Entretanto, apesar das restrições elencadas, a presente pesquisa contribui para a compreensão sobre a Hanseníase no contexto da pandemia, além de promover/fomentar a busca e desenvolvimento de mais estudos, visto que é um contexto recente e demanda muitas descobertas vindouras.

REFERÊNCIAS

AARESTRUP, F. M. Imunopatologia da COVID-19 e suas implicações clínicas. **Arquivos de Asma, Alergia e Imunologia**, v.4 n.2, p 172-180, 2020.

ABDELMAKSOUND, A.; GUPTA, S. K. Management of leprosy patients in the era of COVID-19. **Revista Dermatol Ther**, v. 33, n. 4, 2020.

ALBUQUERQUE FILHO, P. F. Sintomas Gastrointestinais na COVID-19. **Livro de Anais**, p. 9. 2020.

ANTUNES, D. E.; GOULART, I. M. B.; GOULART, L. R. Will cases of leprosy reaction increase with COVID-19 infection?. **Revista PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 14, n. 7, 2020.

BARROSO, D. H. et al. Leprosy detection rate in patients under immunosuppression for the treatment of dermatological, rheumatological, and gastroenterological diseases: a systematic review of the literature and meta-analysis. **BMC Infectious Diseases**, v. 21, n.1, p. 1-9, 2021.

BATLOUNI, M. Anti-inflamatórios não esteroides: efeitos cardiovasculares, cerebrovasculares e renais. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 94, n. 4, p. 556-563, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Talidomida, orientação para uso controlado**. 1º ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da Hanseníase como problema de saúde pública: manual técnico-operacional**. 1º ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Guia prático sobre a hanseníase**. 1º ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. 2020a. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia Nacional para Enfrentamento da Hanseníase 2019-2022**. 1ºed. Brasília: Ministério da Saúde, 2020a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico: Infecção Humana pelo Novo Coronavírus (2019-nCoV)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Recomendação nº 072, de 21 de dezembro de 2020**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020c.

BUENO, I. S. **Impacto da pandemia por Covid-19 na hanseníase é tema de palestra**. 2020.

CERQUEIRA, S. R. P. S. et al. The influence of leprosy-related clinical and epidemiological variables in the occurrence and severity of COVID-19: A prospective real-world cohort study. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 15, n. 7, 2021.

EBONE, P. et al. Sangramento genital em meninas pré-púberes. **Relatos de Casos**, v. 64, n. 1, p. 143-148, 2020.

EDWARDS, L.; LYNCH, P. J. **Manual e Atlas de Dermatologia Genital**. Thieme Revinter, 2020.

FARIAS, L. A. B.G. et al. O papel da atenção primária no combate ao Covid-19: impacto na saúde pública e perspectivas futuras. **Revista Brasileira de Medicina da Família e Comunidade**, v. 15, n. 42, p. 1-8, 2020.

KURIZKY, P. S. et al. The challenge of concomitant infections in the coronavirus disease 2019 pandemic era: Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 infection in a patient with chronic Chagas disease and dimorphic leprosy. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v.53, p. e20200504, 2020.

LOCKWOOD, D. N. J. Aspectos crônicos da hanseníase – negligenciados, mas importantes. **Transações da Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene** , v. 113, n. 12, pág. 813-817, 2019.

MAHATO, S.; BHATTARAI, S.; SINGH, R. Desigualdades em relação às pessoas afetadas pela hanseníase: um desafio durante a pandemia de COVID-19. **Revista PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 14, n. 7, 2020.

MAJUMDER, S. et al. A sinalização de TNF- α contempla a saga da talidomida: uma revisão do papel mecanicista da sinalização de TNF- α sob a talidomida. **Tópicos atuais em química medicinal**, v. 12, n. 13, p. 1456-1467, 2012.

MARQUES, N. P. et al. Impacto da doença coronavírus 2019 no diagnóstico da hanseníase no Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 54, p. 1-4, 2021.

MARTINS, P. V.; IRIART, J. A. B. Itinerários terapêuticos de pacientes com diagnóstico de hanseníase em Salvador, Bahia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 24, p. 273-289, 2014.

MARZLIAK, M. L. C. Hanseníase: O controle da doença e desafios atuais. **Leprosy - Disease control and current challenges**. p. 37-44, 2019.

MENDONÇA, I. M. S. et al. Impacto da pandemia de Covid-19 no atendimento ao paciente com hanseníase: estudo avaliativo sob a ótica do profissional de saúde. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, 2022.

MONTEIRO, L. D. et al. Determinantes sociais da hanseníase em um estado hiperendêmico da região Norte do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 70, 2017.

NAAFS, B.; PEARSON, J. M.; BAAR, A. J. A follow-up study of nerve lesions in leprosy during and after reaction using motor nerve conduction velocity. **International journal of leprosy and other mycobacterial diseases**. v. 44, n. 1-2, p. 188-197, 1976.

NERY, J. S. et al. Determinantes socioeconômicos da detecção de novos casos de hanseníase na Coorte de 100 milhões de brasileiros: um estudo de ligação de base populacional. **The Lancet Global Health**, v. 7, n. 9, p. 1226-1236, 2019.

FACCHINI NETO, E. Responsabilidade médica em tempos de pandemia. **Revista IBERC**, v. 3, n. 2, p. 93-124, 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Transmissão do SARS-CoV-2: implicações para as precauções de prevenção de infecção**. 2020.

PEDROSA, N. L.; ALBUQUERQUE, N. L. S. Análise Espacial dos Casos de COVID-19 e leitos de terapia intensiva no estado do Ceará, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2461-2468, 2020.

RIBEIRO, M. D. A.; SILVA, J. C. A.; OLIVEIRA, S. B. Estudo epidemiológico da hanseníase no Brasil: reflexão sobre as metas de eliminação. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 42, p.42, 2018.

SANTOS, C. M. D. C.; PIMENTA, C. A. D. M.; NOBRE, M. R. C. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista Latino - Americana de Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 508-511, 2007.

SANTOS, G. C. A.; MARIANO, S. M. B.; SILVA, J. B. N. F. COVID-19 and the incidence of neglected tropical diseases: reflections from pandemic times. **ABCS Health Sciences**, v. 46, p. e021102-e021102, 2021.

SANTOS, G. D. A. S. et al. Distribuição temporal da prevalência de hanseníase nas capitais nordestinas entre 2014 e 2021. **Research Society and Development**, v.11, n. 16, 2022.

SANTOS, K. C. B. et al. Estratégias de controle e vigilância de contatos de hanseníase: revisão integrativa. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 576-591, 2019.

SBH. Sociedade Brasileira de Hansenologia. **Orientações para pessoas atingidas pela hanseníase durante a pandemia Covid-19**. 2020.

SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. D. C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Caderno de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 590-588, 2004.

SETOR SAÚDE. **Novos estudos evidenciam benefícios do uso de corticoides em pacientes com Covid-19**. 2020.

SILVA, C. C. et al. Covid-19: Aspectos da origem, fisiopatologia, imunologia e tratamento- uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 3, p. e6542-e6542, 2021a.

SILVA, J. M. S. et al. Atenção às pessoas com hanseníase frente a pandemia da covid-19: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e6124-e6124, 2021b.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV)**. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Elimination of leprosy: resolution of the 44th World Health Assembly**. Geneva: World Health Organization. 1991.

UNITED NATIONS HUMAN RIGHTS. **Open letter on COVID-19 and leprosy to the UN Member States**. 2020.

VAN 'T NOORDENDE, A. T.; AYCHEH, M. W.; SCHIPPERS, A. O impacto da hanseníase, podoconiose e filariose linfática na qualidade de vida da família: Um estudo qualitativo no noroeste da Etiópia. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, v. 14, n. 3, p. 1-3, 2020.

ZHU, N. et al. Um novo coronavírus de pacientes com pneumonia na China, 2019. **New England Journal of medicine**, p. 727-733, 2020.